

H I S T Ó R I A

& U T O P I A S



ORGANIZAÇÃO
Ilana Blaj
John M. Monteiro

A N P U H

Associação Nacional de História

HISTÓRIA & UTOPIAS

*Textos apresentados no XVII Simpósio
Nacional de História*

Organização
John Manuel Monteiro
Ilana Blaj

A N P U H

Associação Nacional de História

1996

UTOPIA URBANÍSTICA E O URBANISMO UTÓPICO

Marisa Varanda Teixeira Carpintéro

No centro de Fedora, metrópole de pedra cinzenta, há um palácio de metal com uma esfera de vidro em cada cômodo. Dentro de cada esfera, vê-se uma cidade azul que é o modelo para uma outra Fedora.

São as formas que a cidade teria podido tomar se, por uma razão ou por outra, não tivesse se tornado o que é atualmente. Em todas as épocas, alguém, vendo Fedora tal como era, havia imaginado um modo de transformá-la na cidade ideal, mas, enquanto construía o seu modelo em miniatura, Fedora já não era mais a mesma de antes e o que até ontem havia sido um possível futuro hoje não passava de um brinquedo numa esfera de vidro. (Italo Calvino, As Cidades Invisíveis)

Estes parágrafos revelam a preocupação de Calvino diante da complexidade de questões que envolvem a relação entre os homens e as cidades. Como você, provavelmente, Calvino também indagaria: Por que os homens sonham e se desiludem com as suas cidades?

As respostas nos conduzem ao mundo dos sonhos e das utopias, uma viagem longa e intrigante, cujo paradeiro poderá ser no paraíso perdido, o lugar nenhum, de Thomas More ou o encontro com um novo tempo projetado pelas utopias do século das luzes.

Nos campos de promessas utópicas fomos seduzidos pelos encantos das projeções de cidades industriais elaboradas nas primeiras décadas do século XIX, pelo utopista Charles Fourier. Como sabemos Saint-Simon, Robert Owen e Charles Fourier ao criticarem suas respectivas sociedades, propuseram uma outra vida baseada em um novo arranjo político da sociedade, firmada em novas estruturas sociais. Dos autores mencionados, o mais

instigante é a fundamentação de suas propostas filosóficas fincadas a partir da representação espacial. O esforço de convencimento destas propostas, o caráter pedagógico dos projetos agregados ao plano visual das cidades, conduziam os leitores a sonharem com as cidades por eles narradas. Estes utopistas não apenas reagiram contra a sociedade de seu tempo, mas criaram imagens de uma nova sociedade buscando a harmonia entre os homens e o meio em que vivem.

As obras de Fourier além de questionarem os princípios fundamentais do liberalismo e apontarem os problemas de ordem social, também nos convida a discutir as aproximações entre utopia e urbanismo. Tais aproximações ocorrem tanto no plano político e em sua tradução visual como através de duas palavras chaves: futuro e harmonia. Entretanto, estas palavras reunidas à técnica e aos conceitos de funcionalidade, utilidade, salubridade, conforto e beleza vão compor a descrição da organização do falanstério, e por outro lado nortear os principais fundamentos do urbanismo moderno. (Fundamentos sistematizados na Carta de Atenas).

Antes, porém, de partimos para as questões que revelam a estreita relação entre o urbanismo imaginado por Fourier e as utopias imaginadas pelo urbanismo moderno, convidamos vocês a fazerem um breve passeio em torno dos principais aspectos que circundam o pensamento filosófico deste autor:

A teoria passional

Caminhei sozinho para o objetivo, sem ter meios sem caminhos preparados. Eu, sozinho, teria convencido vinte séculos de imbecilidade política, e é em mim, apenas que as gerações presentes e futuras terão a iniciativa de sua imensa felicidade. Antes de mim, a humanidade perdeu vários milhares de anos lutando contra a natureza. (Charles Fourier e Jean-Christian Petitfils, Os Socialismos Utópicos)

Palavras como estas proferidas por Charles Fourier suscitaram uma série de polêmicas entre seus contemporâneos. Alguns condenavam a irracionalidade, as contradições de suas teorias, enquanto isso, fiéis discípulos espalhados em diversas partes do mundo, tentavam divulgar as doutrinas filosóficas do mestre Fourier.

Após a revolução francesa o sonho rousseauiano de uma sociedade contratual centrada na participação e direitos políticos de todos cidadãos, se estilhaça contra as contradições do pensamento burguês. Paris por muito tempo não foi para todos a “cidade luz”; conforme os médicos e pensadores

franceses nas primeiras décadas do século XIX, a miséria, fome, desemprego, ao lado das péssimas condições de habitabilidade, ameaçavam a vida de grande parte dos seus habitantes. Até mesmo Londres, o berço do liberalismo, a cidade da virtude e da racionalidade econômica, sente-se ameaçada pelo fruto que ela mesma produz através do sistema de fábrica: a pobreza. Como diziam seus seguidores, comovido com o sofrimento humano, Fourier observou que a pretensa civilização com suas idéias de progresso e de desenvolvimento é, sobretudo criadora de misérias. Para tanto, considerou a liberdade proclamada pelos revolucionários como um engodo para a população pobre, conclamando sua submissão sob pena de morrerem de fome.

Assim como Rousseau, este autor parte do princípio que todos os homens nascem bons sendo a sociedade através das instituições e dos preceitos morais responsável pela discórdia e a infelicidade. O homem é feito para a felicidade, afirma Fourier, e o mundo será incompreensível se a felicidade não for realizada. Ao inspirar na teoria newtoniana da atração dos fenômenos físicos, o mestre Fourier afirma que: “a ordem dos fenômenos físicos, é na realidade uma lei universal que rege as quatro categorias universais, o material, o orgânico, o animal e o social. O movimento que anima os planetas, como os homens, é o amor, ou a atração passional, impulso dado pela natureza, anteriormente à reflexão, e que persiste apesar da oposição da razão, do dever, do preconceito.”¹

Fourier acredita na semelhança entre as coisas diferentes, isto é, declara a existência de uma correspondência perfeita entre os astros, as plantas, os animais e os homens integrados num movimento universal, de forma que todo processo harmonioso provoca necessariamente uma mutação e um progresso nos três outros. Ainda ressalta que, o movimento social é o modelo dos outros três; logo os movimentos animal, orgânico e material são coordenados pelo social, que é o primeiro na ordem, ou seja, que as propriedades de um animal, de um vegetal, de um mineral, inclusive de um turbilhão de astros, representam certo efeito das paixões humanas na ordem social; e que tudo, desde os átomos até os astros, constituem uma imagem das propriedades das paixões humanas; por exemplo:

- Os grupos de estrelas lácteas representam as propriedades da amizade.
- Os grupos de planetas em torno do sol representam as propriedades do amor.
- Os grupos de satélites em torno dos planetas representam as propriedades da paternidade.

1 Charles Fourier, *La harmonia del nuevo mundo*, Madrid, 1973.

- Os grupos dos sóis ou estrelas fixas representam as propriedades da ambição.²

Desse modo as paixões que no *Segundo Tratado de Governo* de Locke foram relegadas em nome da razão, na teoria dos quatro movimentos são a força propulsora capaz de alterar as instituições morais e econômicas. Os civilizados, no entender de Fourier, têm na sua maioria, apenas três ou quatro gostos dominantes; será preciso portanto desenvolver neles um grande número de fantasias e fazer nascer em cada indivíduo pelo menos dez vezes mais paixões do que tem hoje. A verdadeira felicidade, diz ele, “consiste em ter muitas paixões e muitos meios de satisfazê-las.” Entre as doze paixões a alternante é a mais importante, pois ela devolve ao homem o prazer pelo trabalho, isto porque, na civilização, ressalta Fourier, o trabalho apresenta-se como um castigo imposto ao homem.

Na sociedade fourierista todos os homens desde a infância passarão por um processo vocacional, no sentido de escolherem o tipo de trabalho adequado à sua personalidade. Além disso, todas as atividades, seja na indústria, agricultura, ou nos serviços domésticos e artísticos serão diversificadas com o intuito de evitar a monotonia e a repetitividade. Em lugar de salários, a base de remuneração do fator trabalho na sociedade societária está na composição dos três elementos constitutivos da produção: o capital, o talento e o trabalho.

Importa salientar que o “trabalho como prazer” é o cerne da filosofia societária. Estes novos princípios econômicos e sociais, na opinião deste autor, é a maneira eficaz de atingir a riqueza, aumentar a produtividade e eliminar a miséria.

Contudo, se até agora o tempo, espaço e história fundiam-se em teorias físicas universais, a partir do momento que Fourier introduz uma nova concepção de trabalho ao lado de uma reorganização no sistema econômico de produção, o discurso se desloca para o campo ideológico marcado pela noção evolutiva da história e do progresso. Por outro lado, uma outra mudança ocorre simultaneamente: as idéias e os princípios fundamentais encontram uma tradução visual sob a forma de um edifício societário, chamado, Falanstério.

Fourier então escolhe o espaço físico adequado para a instalação do falanstério; além disso ancora ao projeto a noção de tempo e de história através de um movimento social composto por um ciclo de 32 períodos, contendo duas fases de vibração ascendente ou gradação e a vibração descendente ou degradação. Para cada período, o autor, estabelece a seguinte classificação: “o primeiro período é considerado confuso (sombra da felicidade), o segundo selvagem, terceiro patriarcal, quarto barbárie, quinto civilização, sexto garantismo”, enquanto do sétimo ao décimo sexto período é

2 Fourier, *op. cit.*, p. 73.

a fase mais importante da história da humanidade, segundo ele, é o caminho da felicidade e da harmonia. É importante lembrar que a mudança de um período para outro poderá levar milhões e milhões de anos e as épocas de felicidade serão sete vezes maiores que os períodos de sofrimento.

Após um longo período de felicidade, aproximadamente, trinta e cinco milhões de anos, a sociedade, diz ele, entrará na fase “descendente”, que motivará uma decadência rápida e anunciará o fim da humanidade. Entretanto, previsões pessimistas não desviaram a atenção de Fourier ao apontar os caminhos que conduziriam os homens ao reino da harmonia, localizado no sétimo período. Ademais, suas idéias enfatizavam a influência do meio ambiente no processo de transformação da sociedade. Esta preocupação se justifica a partir da criação da cidade harmoniosa.

O Falanstério e os fundamentos do urbanismo moderno

Como a Professora Stella já descreveu, o projeto falansteriano procurava reunir de 1500 a 1600 pessoas de desiguais fortunas, idades, caracteres, conhecimentos teóricos e práticos, em um terreno de uma légua quadrada, ou seja, uma superfície de seis milhões de toesas quadradas. Ainda era necessário encontrar um país como “Lausanne, ou um vale previsto de água corrente e bosque como o que se estende entre Bruxelas e Halle.”

As descrições desse edifício acompanham uma planta muito semelhante com os traçados das conhecidas vilas operárias construídas, no final do século XIX, no Brasil. Os elementos fundamentais que norteiam a descrição do falanstério são: funcionalidade, utilidade, conforto e beleza. Entretanto, era ainda crucial combinar estes elementos através de formas racionais, regulares, ou circulares e ao mesmo tempo, constituir signos capazes de completar a proposta política de organização da sociedade. Fourier então preconiza, “(...) o edifício que habita uma falange não tem nenhuma semelhança com nossas construções da cidade e campo: e para fundar uma grande harmonia de 1600 pessoas, não se poderá fazer uso de nenhum de nossos edifícios, nem uso de um grande palácio como o de Versalhes, nem tão grande monastério como o Escorial.”³

A característica marcante do projeto arquitetônico é a minuciosa descrição técnica, racional e funcional de cada compartimento do falanstério articulada a uma linguagem poética; sabemos que para este pensador convencer era tão importante quanto concretizar.

Vejamos então a descrição arquitetônica deste enorme palácio: “O centro do palácio deve dedicar-se as funções aprazíveis, restaurante, bolsa, bibliote-

3 Charles Fourier, *El Falanstério*, Madrid, 1978, p. 63.

ca, salas de reunião e de estudo. Nesse centro estará o templo, a torre do vigia, o telégrafo, o observatório, jardins. Uma das alas deve reunir todos os teares ruidosos, como carpintaria, serralharia, e salas de música. Outra ala deve conter a hospedagem para viajantes com sala de baile e de reunião de estrangeiros a fim de que não ocupem o centro do palácio, e nem atormentem a vida doméstica da falange.”⁴ A morada da falange deve compreender apartamentos individuais, e várias salas de relações públicas que se denominam Seristérios. Já os estábulos, armazéns devem situar-se, se possível, frente ao edifício, separados por uma grande praça.

Conforme Victor Considerant, um dos seus fiéis discípulos, o aspecto mais importante da arquitetura do Falanstério são as chamadas ruas-galerias. Elas são responsáveis pela comunicação entre os diversos compartimentos do palácio; ainda na opinião deste discípulo, “estas ruas representam o canal por onde circula a vida no grande corpo falansteriano, é a artéria magistral que do coração traz o sangue em todas as veias, e ao mesmo tempo, o símbolo e a expressão arquitetural (...)”⁵ Além de facilitar a comunicação, as ruas produziam efeitos estéticos a partir de seus desenhos em forma de arcos ornados com flores e guarnecidos de vidros e ainda permitiam conforto térmico com a introdução do sistema mecânico de aquecimento.

Considerant, ao dedicar-se à divulgação da ciência societária introduz aos estudos de Fourier uma interpretação histórica, política e arquitetônica, pois conforme este engenheiro: “esta grande construção unitária onde cada compartimento tem um sentido especial, cada detalhe exprime um pensamento particular, representa a incorporação da lei suprema da Associação e o pensamento integral da harmonia. Em seu livro, *Description du Phalanstère et considérations sociales sur L'Architectonique*, Considerant declara: “A arquitetura escreve a história”.

Esta afirmação novamente aproxima a utopia fourierista da doutrina filosófica do urbanismo moderno. Como vimos tais aproximações se dão tanto a partir de suas propostas filosóficas vinculadas ao plano visual, como através das projeções de futuro em busca da harmonia.

Em seu livro *Os Três Estabelecimentos Humanos*, o arquiteto e urbanista francês, Le Corbusier inicia o primeiro capítulo com uma carta de Rilke sobre Paul Cezanne. Nesta carta, Rilke assim escreve, “(...) um dia em que se discutia a situação presente da indústria e outro assunto, Cezanne exclamou, com os olhos furiosos! ‘Vamos mal (...) a vida é assustadora (...)’ Paul Cézanne era pintor. Via todos os dias as paisagens imaculadas por novos

4 Fourier, *op. cit.*, p. 63.

5 Victor Considerant, *Description du Phalanstère et Considerations Sociales sur L'Architectonique*, Paris, 1848.

atentados, as cidades explodiam sob um impulso irresistível, com os subúrbios a encerrá-las na feiúra. Sentia que uma crise sacudia o mundo e ia provocar o seu desmoronamento: paisagens, cidade, bem-estar, hábitos (...)"⁶

Ao retratar o medo de Cézanne através de Rilke, Le Corbusier revela o seu pavor diante das conseqüências causadas pela sociedade industrial, pavor que procurou eliminar, através de seus conhecimentos urbanísticos, ou ainda, por meio dos desenhos, projetos, plantas e na organização de novos espaços. O urbanismo "é uma doutrina, cujo objetivo central é a disposição dos lugares e dos locais diversos que devem resguardar o desenvolvimento da vida material, sentimental e espiritual em toda as manifestações individuais e coletivas." Conforme a Carta de Atenas, "o urbanismo não pode ser submetido, exclusivamente, às regras de um esteticismo gratuito. Por sua essência é de ordem funcional."⁷

Foi a partir da Primeira Guerra Mundial, no ano de 1914, que os arquitetos racionalistas passaram a explorar os recursos da técnica e da indústria em suas obras. No entanto, os fundamentos da arquitetura progressista só foram sintetizados no ano de 1928, por meio dos Congressos Internacionais de Arquitetura. Em 1933, os arquitetos dos CIAM, sob a orientação de Le Corbusier, elaboraram durante o 4º Congresso de Arquitetura, a Carta de Atenas. Esta Carta têm como intuito "buscar a harmonia dos elementos presentes no mundo moderno e de voltar a colocar a arquitetura sobre seu plano verdadeiro, que é de ordem econômica e sociológica e por completo a serviço da pessoa humana."⁸

Ao criticar o presente das cidades modernas, a Carta de Atenas a partir de seus fundamentos delineia um futuro centrado na noção positiva do progresso. Contudo, se faz necessário recorrer ao passado no sentido de demonstrar através da história as novas soluções oferecidas pela técnica. O futuro, no entender, dos profetas do espaço, está inscrito na história urbanística, ou seja, no desenvolvimento das formas urbanas.

Um século depois de Fourier a harmonia renasce na obra de Le Corbusier a partir do encontro entre a Razão e Paixão. "O trabalho da razão adiciona-se sem cessar, a sua curva é ascencional; ele cria o instrumental; é o que chamamos de progresso. Os sentimentos da paixão são constantes: São baixos ou elevados entre duas cotas que os milênios não mudaram. Podemos arriscar a hipótese de que as grandes obras emotivas, obras de arte, nascem da integração bem sucedida da paixão e do conhecimento".⁹

6 Le Corbusier, *Os Três Estabelecimentos Humanos*, São Paulo, 1979, p. 11.

7 *La Carta de Atenas*, Buenos Aires, 1957.

8 *La Carta de Atenas*, op. cit., p. 65.

9 Le Corbusier, *Urbanismo*, São Paulo, 1992, p. 43.

Nesta perspectiva os lápis, as réguas, compassos, instrumentos da razão, movidos pelos sentimentos permitiram aos técnicos do CIAM projetarem a “Cidade da Harmonia”. Como os utopistas, estas cidades seriam instaladas em qualquer lugar do mundo desde que respeitassem suas principais funções, ou seja, trabalhar, habitar e recrear. Porém, os traçados, símbolos e toda a racionalidade expressam um discurso poético capaz de conferir aos leitores o direito de sonhar... Como Italo Calvino, o arquiteto Oscar Niemeyer neste artigo também expressa o lado poético e utópico da arquitetura moderna, “É nesse momento de imaginação e fantasia que a solução aparece e nela o arquiteto se detém entusiasmado como alguém que encontrou um diamante e o examina com a esperança de ser verdadeiro e, lapidado, transformar-se numa pedra preciosa. E os desenhos prosseguem. O arquiteto verifica então se a solução atende internamente ao programa fornecido, se os técnicos do concreto armado aceitam o sistema estrutural imaginado, se o dimensionamento corresponde às seções fixadas, se tudo pode funcionar bem.”¹⁰

Desse modo, a convergência entre utopias urbanísticas e urbanismo em utopia que Baczko evidencia,¹¹ não se dá no nível da coincidência de concepções, no fato de preverem as mesmas avenidas, ruas, praças, unidades de habitação; é seu próprio sentido, sua própria justificativa, ou o que pode ser chamado de paradoxos da razão.

Texto apresentado na Mesa Redonda Cidade: As Utopias Criadoras, 20/7/1993.

10 Oscar Niemeyer, “Como nasce a arquitetura”, *Folha de São Paulo*, 19/5/1993.

11 Bronislaw Baczko, *Lumières de L’Utopie*, Paris, 1978.